

O desafio da leitura não linear

REGIMES DE VISIBILIDADE EM REVISTAS: ANÁLISE MULTIFOCAL DOS CONTRATOS DE COMUNICAÇÃO, DO GRUPO DE PESQUISA EM MÍDIA IMPRESSA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Resenhado por **EDILSON CAZELOTO**

Multimídia como divulgação do conhecimento

Trabalhos acadêmicos em formato multimídia não são muito usuais embora os recursos para unir texto, imagens, vídeo e áudio já estejam disponíveis há mais de uma década. Creio que há, pelo menos, três razões para isso:

1) Dificuldades e custos operacionais: uma multimídia é muito diferente do solitário trabalho acadêmico. Ela exige uma equipe, por vezes numerosa, que reúne técnicos em várias áreas e consome recursos que, embora estejam cada vez mais acessíveis, ainda nem sempre estão facilmente disponíveis. Captação, edição e programação da interface consomem boas horas de trabalho e demandam uma complexa coordenação. Em uma lógica de produção intelectual marcada pela necessidade de resultados de curto prazo, a realização de uma empreitada deste fôlego certamente desanima a maior parte dos pesquisadores.

2) Conservadorismo da área acadêmica: a universidade está acostumada a associar seu trabalho ao suporte impresso. Os *e-books* e revistas eletrônicas, lentamente, vêm ganhando espaço e respeitabilidade, mas o audiovisual ainda parece estar ligado ao entretenimento e não à produção de conhecimento. Até mesmo as instâncias de regulação e controle do modelo institucional acadêmico muitas vezes têm dificuldades em avaliar e validar aquilo que foge ao formato convencional do texto impresso (para deleite e lucro das editoras privadas).

3) Hábitos de leitura: todo suporte requer um aprendizado de sua “gramática”. Mesmo o cinema, com sua capacidade de simulação do real, necessitou da formação de plateias, as quais, aos poucos, se acostumaram com a linguagem dos cortes, dos planos e das sequências.

A “leitura” de uma multimídia é sempre uma experiência nova, uma vez que, embora lance mão de certas convenções com as quais qualquer usuário de interfaces informáticas já esteja familiarizado, sempre busca uma realização estética mais ou menos particular.

O risco implícito na multimídia é o de que o aprendizado da forma (a programação e a estética) acabe se sobrepondo ou dificultando a construção compartilhada de sentidos. Perde-se um bom tempo aprendendo “como a coisa funciona” e, neste intervalo, o conteúdo desce para um segundo plano na cognição. Até para se fazer uma resenha (como esta) torna-se imperativo descrever certos modos de funcionamento e inventariar os recursos técnicos disponíveis, bem como a utilização dos recursos e os aspectos ligados à navegabilidade, em detrimento da análise crítica dos conceitos e da metodologia de pesquisa empregada.

O fato, porém, é que, vencidos esses desafios, o resultado de um trabalho acadêmico em multimídia pode ser interessante e desafiador. Trata-se de outra forma de propor a divulgação e a circulação do conhecimento produzido, a qual, em si mesma, já é um questionamento sobre o próprio saber e suas convenções.

Regimes de visibilidade na (multi)mídia

Daí a sensação de estranhamento produzida pelo trabalho do Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa, da PUC/SP: a multimídia intitulada *Regimes de visibilidade em revistas: análise multifocal dos contratos de comunicação*. A primeira impressão é que a não linearidade do trabalho atrapalha a leitura. É necessário um tempo de aprendizado e imersão para habituar-se à interface e conseguir explorá-la de maneira mais eficiente. Embora se perceba, desde o primeiro momento, a densidade analítica do material, é preciso algum esforço para que a navegação vá se tornando cada vez mais transparente e permita, finalmente, o encontro com aquilo que é dito e escrito.

Sob a coordenação de José Luiz Aidar Prado, o grupo se propõe a estudar nada menos que 28 títulos de revistas em circulação no Brasil, analisando os regimes de visibilidade e os contratos de comunicação que se estabelecem entre as publicações e os leitores. “Regimes de visibilidade” são entendidos como formas de organizar a construção de sentidos, criando figuras e temas a partir de lógicas produtivas previamente concebidas. Dos regimes de visibilidade decorrem os “contratos de comunicação”, que são concebidos como acordos tácitos entre enunciador e enunciatário, no intuito de permitir a construção comum de sentido. O eixo de análise foi a forma como as publicações

propõem concepções específicas sobre o “corpo” e o “sucesso”, em quatro campos: a) moda e beleza; b) saúde e bem-estar; c) sexualidade e sociabilidade; e d) trabalho e lazer.

A base conceitual da empreitada reside no repertório da Análise do Discurso (AD), atualizada por autores como Laclau e Mouffe. O pano de fundo contextual é dado pelas teorias da pós-modernidade, principalmente as de caráter pós-marxista, frisando as transformações ocorridas no modo de produção capitalista a partir da segunda metade do século XX.

A riqueza de possibilidades da leitura não linear é explorada pela presença de *hiperlinks*, que conectam conteúdos relacionados a cada tema, independentemente de seu suporte. Os textos abrem janelas de vídeo, as fotos remetem a textos e tudo se interconecta, fornecendo ao leitor a possibilidade de novos traçados e, portanto, de novas cadeias de significação. A navegação certamente não é simples e, por vezes, a interface parece conduzir a leitura por caminhos não desejados. Para quem está acostumado ao trajeto linear do livro, a navegação parece complicada como um *videogame* de última geração. Mas, aos poucos, compreensões vão sendo construídas e os trajetos se consolidam em textos que, embora abertos, permitem a tessitura de conceitos, análises e ideias.

Não espere simplificações e fórmulas fáceis. Do ponto de vista conceitual, o trabalho da equipe é denso e extenso. Um mecanismo de busca (que funciona a partir de palavras-chave predefinidas), um índice com *hiperlinks* e uma pequena lista de verbetes ajudam a reconstituir todo o trabalho de conceituação e reflexão realizado, mas o material requer um bom tempo de leitura por parte dos interessados. Mesmo a preocupação com a oferta de definições dos conceitos trabalhados não pode ser confundida com didatismo exagerado. Há um trabalho constante de diálogo com os autores citados e a malha conceitual é obtida a partir de um ponto de vista próprio, interessado em interpretar fontes mais do que referendá-las.

Também, não espere a declaração de verdades unívocas, nem a pretensa unicidade que a presença de um único autor garantiria. Na multimídia, a mistura de linguagens é complementada pela mistura de vozes. O discurso de pesquisadores (não apenas do campo da comunicação) sobrepõe-se ao de jornalistas e outros profissionais diretamente relacionados ao universo da produção dos periódicos, além da participação especial de alguns leitores.

Há, portanto, vários níveis de discurso e vários pontos de vista, nem sempre convergindo para um todo que se proponha não contraditório. O trabalho acadêmico mescla-se ao próprio fazer

jornalístico e com ele entrelaça-se produzindo um enunciado híbrido e inconstante, principalmente do ponto de vista formal: as “entrevistas”, embora sejam captadas em vídeo, aproximam-se do texto acadêmico em seu conteúdo. Não são puramente “jornalísticas”, nem nos momentos em que os entrevistados não são pesquisadores ou professores.

O resultado pode ser compreendido de dois ângulos: em alguns momentos, o discurso acadêmico parece comentar as declarações dos entrevistados “do mercado” e, em outros, a referência às revistas e a seus profissionais parece “ilustrar” o que dizem os pesquisadores. Tudo depende do caminho percorrido e das intenções da leitura.

Esqueça também as referências bibliográficas formais, no padrão ABNT. As referências são muitas, mas, na maioria das vezes, citadas sem nenhum formalismo. Felizmente, o trabalho inclui uma boa bibliografia que pode servir como fonte de aprofundamento dos temas abordados para os que continuam buscando construir o conhecimento com base na invenção de Guttenberg.

O resultado da multimídia é, portanto, coerente e instigador. O trabalho consegue pensar as revistas brasileiras desde um ponto de vista multifocal, sem abrir mão de uma teorização consistente e relevante. Além disso, mostra o potencial (e as dificuldades) de se trabalhar com o rigor do texto científico em um formato diferente do livro.

Ajustes necessários

Do ponto de vista formal, parece-me ser necessário fazer alguns reparos para o aprimoramento de futuros trabalhos:

a) Nesta versão, o programa utilizado para os textos não permite cópia de trechos. Bom para evitar plágios, mas ruim para quem quer utilizar o material como fonte para novos trabalhos e tem que redigitar tudo aquilo que julgar interessante.

b) O mecanismo de busca precisa ser aprimorado para permitir a pesquisa em todos os textos por palavras-chave determinadas pelo usuário, e não por *tags* predeterminadas, como ocorre nesta versão.

c) Uma (imensa) vantagem do formato digital é permitir a distribuição *on-line*. A hipermídia, atualmente, é distribuída fisicamente em DVD, dificultando o acesso ao material. Uma distribuição pela internet (mesmo que seja pelo recurso do *download*, uma vez que servidores capazes de oferecer *streaming* de vídeo ainda são relativamente caros) seria mais do que bem-vinda.

d) A multimídia roda apenas em sistemas operacionais proprietários (Windows e MAC/OS). Não está preparada para nenhum ambiente LINUX, o que é injustificável. Bill Gates agradece a preferência.

Edilson Cazeloto é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Titular do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP.